

CAMINHOS DA MEMÓRIA EM “CHIQUEINHO” E “MENINO DE ENGENHO”

MEMORY PATHS IN “CHIQUEINHO” AND “MENINO DE ENGENHO”

CAMINOS DE LA MEMORIA EN “CHIQUEINHO” Y “MENINO DE ENGENHO”

*Sônia Pereira DIAS**
*Telma BORGES DA SILVA***

Resumo: Por meio da leitura dos romances “Chiquinho” (1947), de Baltasar Lopes, e “Menino de engenho” (1932), de José Lins do Rego, pretendemos demonstrar a relevância depositada na figura dos velhos que carregam em si um saber ancestral. Verificamos que essas personagens se apresentam e se consolidam ao longo dos romances em análise, pois são eles os contadores de histórias que transmitem ao outro um ensinamento, sendo: José Paulino e a Velha Totonha em “Menino de engenho”; e a Mamãe Velha (nha Júlia) e nha Rosa Calita em “Chiquinho”.

Palavras-chave: Oralidade; Ancestralidade; Memória.

Abstract: Through the reading of novels “Chiquinho” (1947), by Baltasar Lopes and “Menino de engenho” (1932), by José Lins do Rego, we intend to demonstrate the relevance deposited in the figure of the old bearing in itself an ancestral knowledge. We found that these characters are and consolidate over the novels under consideration, as they are themselves the storytellers who pass to another a teaching, with José Paulino and Old woman Totonha in “Menino de engenho”; and Old Mom (nha Julia) and nha Rosa Calita in “Chiquinho”.

Keywords: Orality; Ancestry; Memory.

Resumen: A través de la lectura de novelas “Chiquinho” (1947), de Baltasar Lopes y “Menino de engenho” (1932), de José Lins do Rego, la intención de demostrar la relevancia depositada en la figura de la edad que influye por sí sola un conocimiento ancestral. Verificamos que estos personajes se presentan y se consolidan al largo de novelas en examen, pues sano ellos los contadores de historia que transmiten al otro un

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Contato: soniapereiradias@hotmail.com.

** Docente do Mestrado em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Contato: t2lm1b3rg2s@yahoo.com.

enseñanza, siendo: José Paulino y la Velha Totonha en “Menino de engenho”; y la Mamá Vieja (nha Júlia) ynha Rosa Calita en “Chiquinho”.

Palabras clave: Oralidad; Ancestralidad; Memoria.

Os livros “Chiquinho” (1947) e “Menino de engenho” (1932) contam a história vivida por duas crianças, Chiquinho, em São Vicente, Cabo Verde. E por Carlinhos, no Nordeste brasileiro. Essas crianças foram formadas pela memória histórica, cultural e imaginária de alguns contadores de história oral.

O livro “Chiquinho”, de Baltasar Lopes, é um livro que corresponde à terceira fase da literatura cabo-verdiana, é o tempo da afirmação do escritor africano; ocorreu após a independência do país. Assim sendo, tanto o país quanto o escritor deixam de ser colônia, mas não deixam de ser colonizados; as marcas ainda existem tanto no lugar quanto no povo e manifesta-se na literatura.

Em “Chiquinho”, Baltasar Lopes, por meio da voz da personagem principal, nos mostra os principais problemas pelos quais Cabo Verde passava. Dentre eles citamos a fome, a seca e os seus efeitos sobre o ambiente e o homem, a miséria e a pobreza. Esses fatores contribuíam para a decadência do arquipélago e provocavam nos moradores o desejo de buscar uma vida melhor em outro país, mais precisamente na América.

Diferentemente de Chiquinho, Carlinhos nos apresenta um engenho de açúcar no nordeste comandado pelo patriarca da família, coronel José Paulino, que cuida da administração do engenho e de toda a região do Santa Rosa, tanto dos moradores da casa-grande quanto dos moradores da bagaceira. Por ali não se vê fome; embora o povo da bagaceira e as negras velhas, que ainda habitavam a senzala, não tivessem fartura de comida em sua mesa, sempre havia algo para comerem. O engenho é o lugar da infância de Carlinhos; ele descreve esse espaço como um lugar bonito e mágico. O olhar de Carlinhos era completamente inocente diante do ambiente em que se encontrava.

A literatura cabo-verdiana desponta em 1936, com a publicação da revista “Claridade”. Os primeiros escritores estavam preocupados com o drama da insularidade. O mar era o isolamento do cabo-verdiano do restante do mundo, mas também era a salvação

daquele que deixava sua alma ser arrastada pelo mar ou para a América por meio de um navio, buscando a esperança de uma vida oportuna.

Logo depois, em 1944, surge outra revista, a “Certeza”. Os escritores banhados pela tragédia da guerra mundial buscavam mudanças para sobreviverem em uma terra inóspita e miserável, procurando em seus escritos apresentar e lembrar-se sempre dessas temáticas - a guerra, a esperança e a mudança. Esse “novo movimento quase se desgarrou da terra, do drama dos ilhéus” (SANTOS, 1975, p. 64).

Em “Chiquinho”, verificamos que há essa preocupação em apresentar a terra, o drama do mar, e a tentativa de renovação política e social através da criação de um Grêmio Cultural e de um jornal local. Nesse jornal, os associados e também escritores, deveriam frisar em seus poemas a realidade ambiente e defender os interesses da terra.

Ao ler o romance “Menino de engenho” (1932), de José Lins do Rego, deparamo-nos com uma prosa regionalista, marcada pela denúncia social. Discorre sobre a questão daquele que detém o poder, o dono do engenho, e daqueles que são seus servos, os trabalhadores rurais, os negros alforriados, e também expõe a marca do patriarcalismo rural.

Sendo um livro que se enquadra na segunda geração modernista (1930-1945), logo, a prosa regionalista mostrará uma região brasileira, o Nordeste, e seus aspectos naturais, sociais e econômicos. O autor de “Menino de engenho” também é fiel ao reproduzir a linguagem das pessoas dessa região, assim como, as características das pessoas que vivem nesse lugar.

Queremos demonstrar com este artigo a relevância depositada na figura dos velhos que carregam em si um saber ancestral. Verificamos que essas personagens se apresentam e se consolidam ao longo dos romances em análise, pois são eles os contadores de histórias que transmitem ao outro um ensinamento, sendo: José Paulino e a Velha Totonha, em “Menino de engenho”; e a Mamãe Velha (nha Júlia) e nha Rosa Calita, em “Chiquinho”. Percebemos, portanto, que tais personagens moldaram a infância das principais crianças dos romances em questão.

Averiguamos que as histórias revisitadas pela memória da infância de Chiquinho e Carlinhos são contadas por um narrador central, eles mesmos. No entanto, não podemos negar outras figuras

narrativas na obra, personagens que moldam o caráter da criança por meio das histórias orais que contam, as quais trazem ensinamentos que explicam ou descrevem fatos da vida. Quanto a essas vozes secundárias, que compõem a narrativa dos romances, Terezinha Taborda Moreira (2005), nos diz que:

por vezes a voz do narrador é atravessada por vozes outras, oriundas de saberes os mais diversos, as quais se instalam nos textos inscrevendo nele um tipo de saber acumulado pela experiência histórica. [...]. Tais vozes presentificam nos textos os saberes migrados de outras culturas e recuperados, também, por via da intertextualidade. Além disso, elas instalam nos textos o saber sócio-histórico, inscrevendo aí acontecimentos históricos e etnológicos da sociedade e do país (MOREIRA, 2005, p. 129).

O saber ancestral na cultura africana é muito respeitado e importante para toda a comunidade. Esses velhos trazem consigo a experiência do tempo e a maneira habilidosa e admirável de passar aos mais novos um ensinamento moral, relevante para a formação do indivíduo na comunidade. Cada velho contador de história produz e transmite às crianças, cada um com sua característica peculiar, uma impressão de seu modo de ser e ver o mundo e a vida, e que não lhes deixa apagar da memória essa figura que ensina e aconselha.

Dentre esses contadores de histórias, citamos a velha Totonha que de tempos em tempos aparecia no engenho do avô de Carlinhos. Ela retém a atenção das crianças quando conta suas histórias tomadas de ficção. Supõe-se que ela não saiba ler ou mesmo escrever, deste modo, essas histórias são orais; ela escutou de alguém e logo reproduz essa história para o outro.

No capítulo 21, Carlinhos apresenta velha Totonha “como uma edição viva das *Mil e uma noites*” (REGO, 1973, p. 50), tamanha era a dádiva de contar histórias e lhe fazer viajar pela imaginação. A velha Totonha contava histórias de um engenho, o Trancoso. Também contava histórias de fadas, histórias bíblicas, histórias folclóricas e acontecimentos de locais por onde ela passava. A velha Totonha, sempre que contava suas histórias, colocava nelas a cor local; assim, aproximava as histórias da realidade das crianças e das pessoas que moravam no engenho. Dessa forma, através das histórias que a velha

Totonha conta, ela transmite experiências de vida e oferece conselhos. É importante ressaltar que essas histórias são mantidas e passadas pela memória e pela oralidade. Por isso, “o ouvinte conserva o que foi ouvido, internaliza o conselho ou ensinamento moral e passa adiante quando também se torna um narrador. Conserva-se somente o que se quer lembrar” (BRITO, 2008, p. 16). Carlinhos, assim, a descreve como uma contadora de histórias:

A velha Totonha de quando em vez batia no engenho. E era um acontecimento para a meninada. Ela vivia de contar histórias de Trancoso. [...]. Que talento ela possuía para contar as suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens! Sem nem um dente na boca, e com uma voz que dava todos os tons às palavras (REGO, 1973, p. 49-50).

A velha Totonha, no que tange à matéria de seus contos, pode ser considerada uma figura mítica, por contar histórias sagradas, como também uma típica contadora popular nordestina com seus contos de ordem moral em que depositava neles a cor local da região. Percebemos que em “Menino de engenho” a contadora de história, Totonha, é uma figura que fascinava as crianças em sua dramaticidade; transferia à história e às personagens toda a carga de dor, afeto, amor ou raiva, tudo encenado através da voz e das palavras.

Esses velhos contadores de histórias orais que mexem com o imaginário e que fascinam as crianças, chamados de *griots* na cultura africana, com a atuação da voz passam para as gerações futuras a tradição. São deles que decorre a perpetuação da cultura, os saberes ancestrais, como por exemplo: ritos, danças, música, cantigas, costumes, medicina popular, crenças religiosas, animais simbólicos e a gênese da comunidade.

Os *griots*, formadores da infância de Chiquinho, que com suas histórias moldaram sua imaginação e fortaleceram a fantasia infantil foram nha Rosa Calita, nhô Chic’Ana e nhô João Joana. A principal contadora de histórias, a qual Chiquinho faz maior referência, é nha Rosa Calita, que conta histórias de feitiçadeiras, histórias cheias de cantigas; contava a apreciada história de Carlos Magno, de almas que vagueavam pela terra e de superstições. Assim sendo, Chiquinho

descreve essa hora mágica de escutar histórias e essa contadora de histórias para nós:

A noite tinha para nós o atractivo das histórias. [...]. Tudo arrumado e rezadas as orações, Mamãe e Mamãe-Velha iam sentar-se na salinha, onde já estávamos, acomodados em bancos. A casa enchia-se de meninos. A nossa imaginação vivia apaixonadamente no mundo variado que as histórias criavam. [...]. Grande contadeira de histórias era nha Rosa Calita [...]. Nós todos queríamos mais e mais histórias. A ouvir nha Rosa Calita, o sono fugia-nos totalmente [...]. Mas muitas vezes nha Rosa buscava casos que contivessem lições de vida moral para nosso ensinamento (LOPES, 2008, p. 21-23).

Nha Rosa Calita tinha o dom de criar histórias e prender a atenção das crianças que adoravam escutá-las. O próprio Chiquinho reconhece o talento de nha Rosa Calita e quão necessárias eram as histórias para sua formação, uma vez que os causos, muitas vezes, compreendiam exemplos de vida moral para o ensinamento da meninada.

Através da literatura africana percebemos que a tradição oral tem duas maneiras de se manifestar, uma pelo discurso do missosso, que procede pela via da imaginação. O outro, a maka, uma verdade incontestável, um acontecimento concreto ocorrido na experiência das pessoas de um lugar e pertencentes a uma determinada época. Esses dois discursos orais estão presentes na narrativa dos livros e se apresentam na voz dos contadores orais. Segundo Laura Cavalcante Padilha (1995),

A distinção entre uma forma e outra da tradição dá-se, [...], apenas pelo fato de o missosso ser percebido pelo natural – contador e/ou ouvinte – como algo não acontecido, portanto, como um produto tão-somente do imaginário. De sua parte, a maka é percebida/contada/descodificada como sendo “verídica”, como um relato cujo caráter de acontecido não se põe em dúvida (PADILHA, 1995, p.79).

Essas velhas e esses velhos que contam histórias cheias de fantasia, lendas e superstições, referimo-nos a velha Totonha, Rosa Calita, Chic’Ana, João Joana, são portadores do discurso missosso,

pois tocam o imaginário. Contudo, há também a presença dos velhos que são responsáveis por contar os fatos reais da história da comunidade e do local onde vivem. Esses velhos que contam as histórias carregadas com fatos reais e exatos, vivenciados por eles, essenciais à sua formação pessoal e da coletividade, esses *griots* são os portadores do discurso chamado *maka*.

Em “Chiquinho” contamos com a memória de Mamãe Velha (nha Júlia), sua avó, que não se esquece e não deixa os fatos marcantes do povo de São Vicente serem esquecidos; fatos vivenciados ou ouvidos por ela. Ao relembrar, ela não deixa apagar os males e todo tipo de sorte que sofreu. Esses velhos têm a função social de lembrar; eles passam ao jovem a memória familiar, social, cultural e histórica de um tempo passado, como também propagam essa tradição. Nas palavras de Ecléa Bosi (1994),

um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desapareição de entes amados, é semelhante a uma obra de arte (BOSI, 1994, p. 82).

A memória social e íntima de um velho é carregada de um passado do qual não se pode fugir, e também é atestado que o velho não quer se esquecer desse passado; pelo contrário, ele quer lembrá-lo ao narrá-lo a outrem. Muitas vezes esse passado é recordado com saudade, dor ou angústia. O conhecimento do velho comprova os anos de experiência que carrega, não é apenas nas rugas do rosto, nos cabelos brancos ou no caminhar lento, mas antes de tudo, é na sua memória que reside a fonte de todo o saber e vida. Esses momentos vividos, o velho pinta por meio da voz. A avó de Chiquinho é um exemplo de memória viva dos fatos reais que aconteceram na ilha de São Vicente. Vejamos: “Algumas vezes, depois da ceia, quando Mamãe-Velha estava de maré e o seu cabecear sonolento tardava em vir, revezava com nha Rosa Calita, e contava coisas e loisas que tinha visto e ouvido. Serviam-lhe de pontos de referência o ano da Ventona e a Cólera”. (LOPES, 2008, p. 34).

Nha Júlia sempre tomava como ponto de orientação de suas histórias estes dois acontecimentos que marcaram Cabo Verde: a ventona, um possível ciclone que atingiu a ilha, e a cólera, uma doença infecciosa que afetou grande parte da população. Essas histórias que Chiquinho ouvia lhe causavam certo efeito, principalmente as histórias que eram contadas por sua avó:

Estas histórias da ilha impressionavam-me profundamente. Era a vida da minha terra que ressurgia para mim nas palavras pausadas de Mamãe-Velha. E delas desprendia-se este não se sabe o quê que a pouco e pouco ia formando a minha alma de crioulo (LOPES, 2008, p. 38).

Percebemos o quanto Chiquinho ficava deslumbrado com tais acontecimentos que ocorriam ali na sua terra, que foram vividos e presenciados por sua avó, que pode ser considerada uma sobrevivente desses males. Ele reconhecia nesses casos a importância de ser daquele povo, visto que sua alma de crioulo se enlevava e se fortalecia demasiadamente quando sabia mais e mais da sua terra e dos perigos e infortúnios que seu povo havia suportado. Foi ouvindo as histórias repletas de alusão à realidade que sua avó contava, que Chiquinho emoldurou seu espírito de crioulo, lhe fazendo sentir e compreender a história e o valor de seu povo.

Assim como Chiquinho, Carlinhos estima a memória de seu avô, coronel José Paulino, que também não se esquece das histórias reais e fazem-nas reviver ao contá-las ao neto. O coronel José Paulino tem o costume de contar histórias para a família após o jantar; suas histórias são crônicas locais. Ele faz questão de situar o acontecimento no tempo, informando as datas, e no espaço.

No romance “Menino de engenho”, o coronel José Paulino difere da velha Totonha. Carlinhos percebe as diferenças entre as histórias que a velha Totonha contava e as de seu avô, dizendo a respeito:

Estas histórias do meu avô me prendiam a atenção de um modo bem diferente daquelas da velha Totonha. Não apelavam para a minha imaginação, para o fantástico. Não tinham a solução milagrosa das outras. Puros fatos diversos, mas que se gravavam na minha memória

como incidentes que eu tivesse assistido. Era uma obra de cronista bulindo de realidade (REGO, 1973, p. 91).

Observamos que para Carlinhos, em relação às histórias ouvidas do avô, estas tinham um valor real e documental, enquanto que as histórias da velha Totonha tinham um valor fantástico, pois mexiam com sua imaginação. Além disso, essas histórias apresentavam como pano de fundo um ensinamento a ser praticado.

O ofício de contar histórias orais ao serem ouvidas pelos mais jovens, que fixam em si esse saber, faz com que a memória do velho transmita um aprendizado e uma prática a ser seguida. Esse saber faz uso da voz do narrador por meio de diversos elementos para se chegar ao ensinamento. De acordo com Moreira (2005),

como reminiscência, os textos recriam, reinventam, transcriam, enfim, refiguram a ancestralidade. Assim, a reminiscência participa da estrutura genética do discurso, remete a um saber: o saber ancestral expresso nas formas da cultura tradicional, tais como a poesia e a performance oral, os provérbios, os ditos populares, a mímica, a música, a dança, os ritos, a história, a filosofia. A reminiscência inclui as variedades dessas formas. (MOREIRA, 2005, p. 101).

Algumas dessas formas de reminiscência são averiguadas em “Menino de engenho” e com maior intensidade em “Chiquinho”. São as vozes do saber que são repassadas para as futuras gerações. Temos em “Menino de engenho” a história de Dom Pedro, que faz uma visita ao Pilar, a história do cangaceiro Antônio Silvino, histórias ouvidas de seu avô, que as viveu. Também temos a música do povo da bagaceira na hora da moagem da cana:

O engenho, na festa das doze horas da moagem. O povo miserável da bagaceira compunha um poema na servidão: o mestre-de-açúcar pedindo fogo para a boca da fornalha, o ruído compassado das talhadeiras no mel quente espumando. E no pé da moenda:

Tomba cana, negro,
eu já tombei.

.....

O engenho de Massangana
faz três anos que não mói.
Ainda ontem plantei cana,
faz três anos que não mói
(REGO, 1973, p. 102-103).

Averiguamos que as vozes que o menino Carlinhos escuta em sua infância não são esquecidas por ele. Não só os contadores de história usam sua voz para encantar Carlinhos, mas o povo da bagaceira também carregava uma cultura, uma música de trabalho que Carlinhos não esqueceu e traz em sua memória e nos dá conhecimento dela.

Essa memória social é também constante em “Chiquinho”, sendo igualmente introduzida no romance pela voz e pela língua de seu povo, fazendo emergir a tradição oral no texto. Em “Chiquinho” apuramos a utilização dos seguintes provérbios e ditos pelas vozes das personagens que remetem à ancestralidade, os contadores orais que têm como ofício narrar causos trazendo consigo o valor da vida: “Mais tem Deus para dar que o diabo para levar.” (LOPES, 2008, p. 184); “Quem não tem não perdoa a quem tem.” (LOPES, 2008, p. 197); “Pobre é como filho de gafanhoto. Nasce com as asas verdes, mas depois vira cinzento, cor de nada.” (LOPES, 2008, p. 197); “Pobreza é escarrador de todo o mundo.” (LOPES, 2008, p. 254); “Pobreza é mãe da Virtude” (LOPES, 2008, p. 182).

Esses ditos e provérbios desempenham um saber que cabe apenas aos mais velhos, aos portadores de experiência de mundo e de vivência social e temporal. Esse saber é utilizado em um contexto específico, exercendo a função de conselho em relação a algo que se deseja esclarecer, sugerir ou advertir. Conforme Bosi (1994), este é um dom do narrador, pois “o narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor [...]” (BOSI, 1994, p. 91).

O livro “Chiquinho” é rico em ditos populares, poesia e músicas em língua crioula. Chiquinho registra na sua própria língua a música de seu povo, uma vez que as colônias independentes de Portugal sofreram com o processo de colonização quando o

colonizador impôs ao colonizado sua língua. Chiquinho representa e faz ecoar essa língua crioula de diversas maneiras como, por exemplo, nas músicas de seu povo, que ele conheceu através da voz de sua avó nha Júlia:

Mamãe Velha gostava de entoar na sua voz tremida uma dessas músicas de outros tempos, muito arrastada, que os negros cantavam com palavras que ninguém da ilha entendia:

Malé, malé; malé combá lêlé
assim malé, malé;
assim combá samba lêlé;
assim combá samba lêtân...
(LOPES, 2008, p. 36).

Nas mornas de Nonó, em língua crioula, havia toda a emoção e a paixão que o amor causa no peito de um romântico. Havia o medo de ser machucado e de sair magoado com esse sentimento; só a morna em sua língua para falar a verdadeira sensação de aflição e de afeição que lhe consumia:

Amor ê suma passadinha azul
sentado na rama di jamboêro...
Olhá-l, dixá-l cantâ, dirá-l boâ...
Si bô pegá-l êl tâ chorâ,
Si bô dixá-l êl tâ cantâ
e di note êl tâ ninábo bô sono...
(LOPES, 2008, p. 119).

Assim como as mornas, os poemas em língua crioula falavam à amada desse seu sentimento, que buscava nas palavras a verdadeira expressão de demonstrar o que estava sentindo dentro de si. Como sua amada gostava de versos, lia-lhe poemas crioulos, esperava que essas palavras a tocassem:

Sol brando ca ta quemâ
Pele di rosto di nha crecheu
Sol brando, el ê sol di gosto
Pa ta lumiano porta di ceu...
(LOPES, 2008, p. 150-151).

A língua crioula é tão relevante para a formação do povo cabo-verdiano quanto os *griots*, responsáveis pelo saber ancestral que é repassado aos jovens da comunidade. Assim, a cultura e a própria língua do povo da terra não são esquecidas. As histórias reforçam e revivem o passado; acontecimentos de outros tempos são rememorados pela oralidade dos contadores e cantadores de história; sua língua é uma marca viva carregada pela voz, que é transposta para a literatura. A língua crioula é uma rasura feita na letra do colonizado, deixando ali a marca de um povo que possui sua própria tradição.

Com esta análise apreendemos que o resgate da memória em “Chiquinho” e em “Menino de engenho” constrói a trajetória da história do protagonista Chiquinho naquele, e de Carlinhos, neste, uma vez que, segundo Meneses, a memória

é como mecanismo de registro, retenção, depósito de informações, conhecimento, experiências [...] cuja produção e acabamento se realizaram no passado e que cumpre transportar para o presente (MENESES, 1992, p. 10).

De acordo com Meneses (1992), pode-se inferir que a memória registra informações e experiências que não ficam esquecidas como se pensava, mas sim são transportadas para o presente ajudando na formação da identidade do ser.

Através dos velhos contadores de histórias orais que invadem o imaginário infantil e também das crônicas da vida real, os meninos não deixam de apreender um tempo anterior ao seu, valorizando esse passado que só os mais velhos viveram e sobreviveram para contá-lo. Desse modo, o saber desses velhos e o ensinamento moral que trazem em suas histórias não passaram em branco por essas crianças, uma vez que também rememoram a voz e a figura dessas personagens que moldaram e participaram ativamente de sua infância. Por um lado, Chiquinho, com sua alma de crioulo, que concentra todo o valor da tradição de seu povo. Por outro lado, temos Carlinhos, neto de senhor de engenho, que também recolhe em si toda a vivência e a experiência dos velhos e do povo da bagaceira, das pretas velhas vindas da África, dos moleques com os quais brincava, dos trabalhadores do eito. Ele

soube fundir a alegria, a dor, a astúcia, a força e o valor desse povo e levá-la dentro de si como um aprendizado.

Portanto, foi possível perceber que, através da memória, Chiquinho e Carlinhos revisitam o passado reconstituindo sua infância por meio das histórias ouvidas pelos velhos e por meio das personagens que marcaram sua infância.

Notamos que os dois livros se aproximam bastante um do outro em matéria de forma e conteúdo. Há uma grande semelhança entre o romance brasileiro e o africano, não podemos afirmar, no entanto, que seja por influência de um autor sobre o outro, mas por tais semelhanças verificadas, apenas apuramos afinidades, relações, analogias entre as obras. Principalmente no que concerne à figura desses velhos contadores de histórias orais, que desempenham um papel significativo em ambos os livros.

Logo, o modo que os narradores orais dos romances em análise contam suas histórias caminha entre duas extremidades, o real e o documental, através da figura patriarcal de coronel José Paulino em “Menino de engenho”, e a figura de Mamãe Velha, avó nha Júlia em “Chiquinho”. A outra extremidade seria o popular e o imaginário, por meio da figura da velha Totonha, naquele, e nha Rosa Calita, neste, as quais adequavam as histórias que contavam a cor local e fascinavam a criança com contos fictícios que tocavam o imaginário destas.

Referências

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRITO, Antonio César Nascimento de. *Menino de engenho: um romance de contradições*. 2008. Disponível em: <www.faedf.edu.br/faedf/Revista/AR13.pdf>. Acesso em: 07 out. 2011.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA Terezinha Taborda. *Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa*. Disponível em: <http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2013.

LOPES, Baltasar. *Chiquinho*. Lisboa: Livros Cotovia, 2008. (Coleção Minha África).

MENESES, Ulpiano Bezerra. A história cativa da memória. *Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 34, p. 9-29, 1992.

MOREIRA, Terezinha Taborda. *O vão da voz: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana*. Belo Horizonte: PUC Minas; Edições Horta Grande, 2005.

PADILHA, Laura Cavalcanti. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EDUFF, 1995.

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 19. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

SANTOS, Eduardo dos. *A negritude e a luta pelas independências na África Portuguesa*. Lisboa: Minerva, 1975. (Coleção Minerva de bolso).

Recebido em 13/02/2014

Aceito em 14/05/2014